

COLEÇÃO  

---

PORTUGUÊS NA PRÁTICA

*Claudio Cezar Henriques*

# Sintaxe

*Estudos descritivos da frase para o texto*

3ª Edição Revista e Atualizada



ALTA BOOKS  
EDITORA  
Rio de Janeiro, 2018



# Sumário

<b>Apresentação</b> .....	<b>xi</b>
<b>Prefácio</b> .....	<b>xv</b>

## PARTE I

### Morfossintaxe

<b>Brevíssima Introdução</b> .....	<b>3</b>
------------------------------------	----------

## PARTE II

### Estrutura da Oração

<b>1 Adequação Sintática &amp; Adequação Semântica</b> .....	<b>17</b>
<b>2 Predicação Verbal</b> .....	<b>21</b>
<b>3 Sujeito, Predicado &amp; Predicativo</b> .....	<b>27</b>
3.1. Tipos de Sujeito. ....	27
3.2. Tipos de Predicado (nominal, verbal e verbo-nominal) <sup>20</sup> .....	37
3.3. Tipos de Predicativo (do sujeito, do objeto...) .....	38
<b>4 Objeto Direto &amp; Objeto Indireto</b> .....	<b>43</b>
4.1. Regência de alguns verbos .....	46
4.2. Função sintática dos pronomes oblíquos como complementos verbais .....	52
4.3. Outras funções dos pronomes oblíquos .....	54
4.4. Colocação dos pronomes átonos .....	57
4.5. Função sintática dos pronomes relativos. ....	61
4.6. Função sintática dos pronomes interrogativos .....	62
4.7. Outras particularidades no emprego de preposições. ....	63

<b>5</b>	<b>Agente da Passiva</b> .....	<b>71</b>
<b>6</b>	<b>Complemento Nominal &amp; Adjunto Adnominal</b> .....	<b>73</b>
	6.1. Complemento Nominal.....	73
	6.2. Adjunto Adnominal.....	74
<b>7</b>	<b>Adjunto Adverbial</b> .....	<b>77</b>
<b>8</b>	<b>Aposto (&amp; Vocativo)</b> .....	<b>81</b>
	8.1. Aposto.....	81
	8.2. Vocativo.....	83
<b>9</b>	<b>Palavras Denotativas</b> .....	<b>85</b>

**PARTE III**  
**Estrutura do Período**

<b>1</b>	<b>Período Simples &amp; Período Composto</b> .....	<b>97</b>
<b>2</b>	<b>Coordenação &amp; Subordinação</b> .....	<b>99</b>
	2.1. ORAÇÕES COORDENADAS.....	100
	2.2. ORAÇÕES INTERCALADAS.....	106
	2.3. ORAÇÕES SUBORDINADAS.....	108
	2.4. ORAÇÕES REDUZIDAS.....	140
<b>3</b>	<b>Combinações de Estruturas Oracionais</b> .....	<b>155</b>
<b>4</b>	<b>Da frase ao texto</b> .....	<b>161</b>
	4.1. Relações de contraste e de justaposição.....	162
	4.2. Relações de causa, efeito e fim (reais e hipotéticas).....	164
	4.3. Relações de tempo.....	168
	4.4. Relações entre léxico, semântica e sintaxe.....	170
<b>5</b>	<b>Palavras Finais</b> .....	<b>183</b>
	<b>APÊNDICE: Exame Nacional de Cursos – Letras</b> .....	<b>185</b>
	Índice dos comentários.....	215
	Índice onomástico.....	217
	Referências bibliográficas.....	219



# Apresentação

Por Rosane Monnerat

**A**ceitei com grande alegria a tarefa de apresentar o novo livro de Sintaxe do colega e amigo Claudio Cezar Henriques, professor titular de Língua Portuguesa da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. E isso porque tive o prazer de conviver, em sala de aula, com as edições anteriores de seu livro de sintaxe, então intitulado *Sintaxe Portuguesa para a linguagem culta contemporânea*.

O novo livro é uma revisão ampla do anterior e vem a público com o título *Sintaxe: estudos descritivos da frase para o texto*, integrando-se na coleção *Português na Prática*, da editora Alta Books, que já publicou *Morfologia: estudos lexicais em perspectiva sincrônica* e *Fonética, Fonologia e Ortografia: estudos fono-ortográficos do português*, do mesmo autor.

Iniciando a apresentação pelo próprio título da obra, é visível a preocupação do autor em ultrapassar os limites da frase, em direção ao texto, numa clara indicação de que as relações sintáticas não se esgotam ao final de uma oração, ou de um período. Devem ser consideradas a partir de um escopo maior – o texto – que, por sua vez, não é um aglomerado de frases, mas sim uma unidade sociocomunicativa e formal constituída pelo encadeamento semântico das frases. Essa tem sido, inclusive, a orientação dos estudos de Linguística Textual, sobretudo na análise dos mecanismos sintático-semânticos de coesão (inter)frástica.

Nessa linha de investigação, de base discursivo-textual, articulam-se à sintaxe, como muito bem diz o autor, “duas parceiras especiais” – a semântica e a estilística – numa integração necessária à construção dos significados do texto, em que se mesclam, por um lado, os deslizamentos de sentido que envolvem a seleção lexical e, por outro, a intencionalidade do produtor do texto, que é livre para fazer as suas escolhas linguísticas. Cumpre tam-

bém não perder de vista que sintaxe e morfologia são disciplinas interligadas, daí a morfossintaxe.

Assim, significamos o mundo por meio de categorias linguísticas, tais como a de nomear / determinar (codificada por substantivos, artigos, pronomes), a de qualificar (representada, sobretudo, por adjetivos), a de narrar a ação (codificada por verbos), a de situar no tempo e no espaço (representada por advérbios, preposições, tempos e aspectos verbais), a de explicar as relações (codificada principalmente por conjunções). Essas categorias, portanto, na interseção de relações paradigmáticas e sintagmáticas, articulam-se na construção de enunciados, segundo modos de organização discursiva diversos – quais sejam o descritivo, o narrativo, ou o argumentativo – que recobrem inúmeros gêneros textuais, na busca da comunicação entre os membros de uma comunidade linguística.

Cabe, então, à morfossintaxe a primeira parte do livro de Claudio Cezar Henriques. Nela, o autor apresenta, em breve exposição, “os valores associativos (morfológicos) inseridos em enunciações lineares (sintáticas)”.

A segunda parte, dedicada à “Estrutura da Oração” inicia-se com o tópico “Adequação Sintática & Adequação Semântica”, que não constava das edições anteriores. A relevância desse tópico reside na constatação de que a inadequação sintática acarreta a obscuridade semântica.

Nos tópicos seguintes, introduzidos pelo da predicação verbal, são apresentadas, sempre em sintonia com a perspectiva morfossintática, as diferentes funções sintáticas, de maneira bastante acessível e produtiva para o nosso alunado. Vou me deter um pouco neste ponto, que merece mais alguns comentários.

Como bem ensinava o Prof. Gladstone Chaves de Melo (1970), ao se falar em sintaxe, é preciso considerar não apenas a *sintaxe das funções* – que se desdobra em *analítica*, quando trata do conhecimento das funções uma a uma, e *sintética*, quando se refere ao emprego das formas – mas também a *sintaxe das relações*, que abriga a sintaxe de regência, de concordância e de colocação. As gramáticas e livros didáticos, em geral, apresentam a sintaxe das funções e a das relações completamente dissociadas, em partes distintas. E, dessa forma, os capítulos de concordância e de regência se transformam em listas de verbos e de regras assimilados pelo estudante via “decoreba”. Já neste livro, essas noções estão integradas, ou seja, funções/relações. Além disso, são acrescentados, de modo oportuno, alguns conselhos em relação à pontuação, tornando a aprendizagem dos conteúdos gramaticais mais concreta para nossos alunos.

Nesse sentido, é preciso destacar, também, a qualidade e pertinência dos “comentários didáticos e estilísticos”, que permeiam toda a obra, bem como a farta sugestão de bibliografia complementar para aqueles que desejam um aprofundamento em determinado tópico e, ainda, os exercícios com chaves de resposta, que ajudam o aluno a adquirir maior autonomia em seus estudos. Tudo isso revela a preocupação didático-pedagógica do genuíno professor, que é Claudio Cezar Henriques.

A terceira parte do livro é reservada à “Estrutura do Período”. Partindo do período simples, são apresentados detalhadamente os processos sintáticos da coordenação e da subordinação, focalizando-se também as combinações de estruturas oracionais e, finalizando, com o tópico intitulado “Da frase ao texto”. E nessa parte, pode-se dizer que o autor inova em relação aos livros do gênero, ao mencionar outros elos coesivos além dos habituais conectivos listados nas gramáticas tradicionais.

Apresentam-se, por conseguinte, nessas macrorrelações, recursos de predicação, de referenciação, de topicalização, de modalização, etc. e ainda um tipo característico da linguagem oral – os marcadores discursivos – articulando-se, dessa forma, numa prática pedagógica positiva e produtiva, várias áreas dos Estudos Linguísticos, dentre as quais podem ser citadas a da Linguística Textual, a da Análise do Discurso, a da Análise da Conversação.

Com o objetivo de efetivamente demonstrar como passar da frase ao texto, o autor sugere possibilidades de estruturar relações semânticas – exemplificadas pelas de contraste e justaposição; de causa, efeito e fim e também de tempo – por meio de estruturas sintáticas variadas, que mantenham coerentemente o sentido pretendido.

Por fim, são focalizadas as relações entre léxico, semântica e sintaxe, abordando pontos fundamentais à boa estruturação textual, tais como o conhecimento dos mecanismos de coesão gramatical e de coesão lexical.

De tudo o que foi exposto, percebe-se que este não é apenas mais um livro de sintaxe, e sim, um livro sobre sintaxe, que se abre a novas perspectivas nos estudos linguísticos, sem, contudo, deixar de lado a relevância dos estudos de sintaxe. Fica claro, por exemplo, o papel da análise sintática para a boa estruturação textual. Em outras palavras, para escrever ou ler um texto, é necessário que se saiba estabelecer/reconhecer as relações que as palavras mantêm entre si nas frases, o que revela a competência comunicativa do usuário da língua. E, nesse sentido, pode-se constatar que diminuem as aparentes distâncias entre gramática e texto.

A esse respeito, vale a pena lembrar as palavras de Luiz Antônio Marcuschi (2001), quando diz que o dilema *gramática ou texto?* é um falso dilema. “Não se vai longe sem gramática e não se usa a gramática a não ser para produzir textos.”

Enfim, *Sintaxe: estudos descritivos da frase para o texto* constitui, com certeza, uma contribuição inestimável para professores e estudantes de língua portuguesa por conciliar, nos estudos de sintaxe, a teoria e a prática numa perspectiva que trabalha a gramática de maneira reflexiva, com foco no texto e em seus mecanismos de construção de sentido.



# Prefácio

*Sintaxe: estudos descritivos da frase para o texto* é um livro feito para os colegas de magistério e para os estudantes e estudiosos da Língua Portuguesa. Para aqueles cuja sensibilidade pelo texto ultrapassa os limites das regras gramaticais e alcança os horizontes menos cerceadores da linguística e da literatura. Sabemos que a crise que afeta o ensino não é exclusividade de nosso País e também concordamos com os que dizem que a crise não é só do ensino, mas da sociedade contemporânea como um todo.

Porém, é essa crise que nos motiva a oferecer ao público uma contribuição cujo objetivo não tem pompa nem lantejoulas, pois entendemos que a melhor maneira de mudar a desolação do quadro atual é mudar a forma de começar o trabalho pedagógico. Investir na fixação (para muitos, nem se trata de revisão) dos conceitos básicos, elementares, fugindo dos modismos nomenclaturais e das ondas novidadeiras de privilegiar a oralidade em detrimento da linguagem bem cuidada e elaborada dos textos prestigiados acadêmicos, jornalísticos, literários, documentais – pois é neles que se fazem presentes os recursos expressivos mais amplos e exigentes da escrita, do exercício profissional, da participação na vida cultural e social.

Esta edição, na verdade, congrega uma revisão muito ampla de nosso livro *Sintaxe Portuguesa para a linguagem culta contemporânea*, que teve sucessivas edições (a primeira em 1997 pela Oficina do Autor; a última pela EdUERJ em 2005) e boa acolhida do público discente e docente. Pretendemos, aqui, expandindo os objetivos daquela obra, atualizar o que nos pareceu necessário e incluir alguns itens que julgamos oportunos. Para tanto, buscamos em dois outros de nossos livros, o *Curso Prático de Redação* (coautoria com José Luís Jobim) e *Sintaxe* (coautoria com Jociney R. dos Santos, Daniele Sally e Edna Silva e Silva), as passagens que estiveram sob nossa responsabilidade e que consideramos podem se somar qualitativamente ao texto primitivo.

Por isso, inserindo-se como o terceiro título da coleção Português na Prática, nada melhor do que rebatizá-lo, dar-lhe uma nova formatação, inserir dois capítulos e ampliar a quantidade de exercícios de fixação – inclusive no apêndice com as questões de sintaxe formuladas nos “Provões” de Letras.

Após uma breve introdução sobre as classes gramaticais e as funções sintáticas, o livro se dedica integralmente à estrutura da oração e do período, inserindo as referências necessárias sobre regência, concordância e colocação nos pontos pertinentes de cada capítulo, o que permite ao leitor uma visão bem objetiva de cada tema focalizado, sempre complementado por exercícios variados. A sintaxe da língua formal (a língua exemplar), modalidade de prestígio da língua escrita, é nosso alvo. Para atingi-lo, buscamos organizar os assuntos de modo prático e direto, com bastantes exemplos e explicações. Mas, partindo da descrição da sintaxe portuguesa e encarando-a em sua compatibilidade com os padrões prestigiados pela comunidade acadêmica, introduzimos comentários didáticos e estilísticos sobre aspectos relevantes ou polêmicos, comprovando que a explicação dos fatos da língua e a discussão da teoria gramatical não precisam ter o cunho autoritário de que os defensores do coloquialismo tanto acusam as obras normativas de referência. Muito pelo contrário, é dominando as estruturas sintáticas de sua língua que o usuário estará capacitado para integrar-se de forma plena na sociedade em que vive.

Como nos ensina Eugenio Coseriu, há três níveis de competência linguística, o “saber elocutivo” (= competência linguística geral, isto é, a capacidade de falar), o “saber idiomático” (= competência linguística particular, isto é, a capacidade de falar em uma língua determinada) e o “saber expressivo” (= competência discursiva ou textual, isto é, a capacidade de construir textos em situações determinadas). Um uso linguístico deve estar adequado às situações e aos contextos em que se fala ou escreve. Assim, no nível do “saber expressivo”, o usuário competente necessita responder, antes de mais nada, a três perguntas: *de que pretende falar?*; *com quem pretende falar?*; *em que contexto pretende falar?* Com isso, importam-lhe não as noções de **certo** e **errado**, mas de **adequado** e **inadequado**, cujas definições são deveras discutíveis e numerosas, fixando-se em graus bastante diferentes.

Não obstante a dimensão que o tema ponha à vista, como dissemos este livro não tem nenhuma pretensão pomposa. Quer apenas servir àqueles que buscam escrever com a necessária correção/adequação gramatical e que, vez por outra, sentem necessidade de rever algum conteúdo a respeito da Sintaxe do Português. Entre os seus destinatários se colocam – obviamente – os estudantes dos atuais cursos de Letras, que terão a oportunidade de estudar de forma sistemática a estrutura da oração e a estrutura do período, acrescidas de referências a aspectos relevantes de regência, concordância, colocação, pontuação, estilística e prática de ensino. Por esse motivo, a linguagem é direta e o formato das referências bibliográficas dinâmico, objetivando acrescentar indicações que possam servir para outros aprofundamentos a respeito de algum conteúdo. Além disso, os exercícios apresentados têm uma variada dosagem de dificuldade que certamente permitirá ao usuário avaliar melhor suas necessidades sobre o assunto.



Nossa preocupação com a descrição da frase tem – é claro – um objetivo maior, qual seja repisar o princípio de que as relações sintáticas não se esgotam no final de uma oração ou de um período. A razão de ser deste livro é, em última análise, o texto – referencial, literário... qualquer que seja o gênero em que se expresse: nosso foco é o funcionamento discursivo-textual, considerado a partir dos elementos primeiros das relações sintáticas.

Trata-se, pois, de uma obra que pretende unir os aspectos crítico e didático, de forma objetiva e eficaz. Reforçamos aqui nosso ponto de vista sobre a relevância e a pertinência do estudo da sintaxe como um dos instrumentos para o domínio da expressão linguística.

Este trabalho vem sendo utilizado já há alguns anos com resultados favoráveis em turmas de Graduação e Pós-Graduação de cursos de Letras. Por isso, a confiança de que poderá continuar representando alguma contribuição para os atuais estudos de Língua Portuguesa e que possa motivar nossos futuros colegas a ver a gramática como uma parceira indispensável para o trabalho docente, na preparação da juventude para o exercício pleno de sua cidadania.

Rio de Janeiro, janeiro de 2008.

O Autor

Endereço para correspondência:  
Rua São Francisco Xavier, 524 / 11º andar / sala 11.139 / Bloco F  
Maracanã – Rio de Janeiro – RJ – CEP: 20550-900  
E-mail: claudioch@uol.com.br

À guisa de esclarecimento:

Esta **terceira edição** contém novos ajustes na digitação, atualiza informações bibliográficas e acrescenta notas, comentários e observações pertinentes.



# Parte I

## **Morfossyntaxe**



# Brevíssima Introdução

**D**ependendo dos objetivos e dos métodos adotados na explicação dos fatos da língua, as classes gramaticais e as funções sintáticas podem ser estudadas em separado (respectivamente, pela Morfologia e pela Sintaxe), embora na teoria e na prática se encontrem em muitos pontos.

“A distinção entre morfologia e sintaxe tem sido muitas vezes criticada tanto de um ponto de vista didático quanto teórico.” Assim começa o artigo “Morfologia e Sintaxe”, de Joaquim Mattoso Câmara Jr., em *Dispersos* (Rio de Janeiro: Lucerna, 2004, p. 57-61 – a 1ª edição, pela Fundação Getúlio Vargas, é de 1972). Sua argumentação, no entanto, justifica a procedência da distinção entre ambas, pois a unidade de cada uma prevalece por conta de suas relações, respectivamente, associativa (paradigmática) e sintagmática. Também J. Herculano de Carvalho, em *Teoria da Linguagem* (Coimbra: Atlântida, 1974, tomo II, p. 577-81), explica a “delimitação dos objetos destas duas disciplinas”. Louis Hjelmslev, em artigo de 1939 (“A Noção de Recção”, p. 162), já comentava que, “malgrado todos os esforços, nunca se conseguiu separar completamente a morfologia e a sintaxe”. Talvez por isso, T. Givón, no Prefácio de seu livro *Syntax*, fale em estruturas morfossintáticas concretas e suas correlações semânticas e pragmáticas.

Nesta brevíssima introdução, procuramos esboçar os valores associativos (morfológicos) inseridos em enunciações lineares (sintáticas). Por isso, o objetivo aqui não é discutir nem expor teorias a respeito das classes gramaticais, nem é defender as vantagens de uma abordagem abrangente desses conteúdos gramaticais. Tal procedimento caberia melhor num estudo específico sobre o assunto. Aqui, vamos tratar do vínculo – ainda que didático ou terminológico – existente entre a Morfologia e a Sintaxe, sem pormenorizar agora cada uma das questões envolvendo as classes e as funções, recordando de início, objetivamente, o rol existente na Nomenclatura Gramatical Brasileira a respeito de ambas. No quadro das classes, indicamos seus traços flexionais; no quadro das funções, indicamos seus mecanismos sintáticos e semânticos.

CLASSES GRAMATICAIS (10)	
verbo	variável
substantivo	variável*
adjetivo	variável*
pronome	variável*
advérbio	invariável**
numeral	variável*
artigo	variável
conjunção	invariável
preposição	invariável
(interjeição)	-----

\* Excepcionalmente, substantivos (lápiz, tórax), adjetivos (simples), pronomes (eu, tudo, quem) e numerais (três) também podem ser invariáveis.

\*\* Excepcionalmente, advérbios (todo, meio) podem se flexionar por atração.<sup>1</sup>

FUNÇÕES SINTÁTICAS (11)		
O TERMO...	...SE RELACIONA COM...	...PELO MECANISMO DE...
sujeito	o verbo	concordância
predicado	o sujeito	*
predicativo	um SN	atribuição qualificativa e, eventualmente, também concordância ou regência
objeto direto	o verbo (VTD)	regência
objeto indireto	o verbo (VTI)	regência
agente da passiva	o verbo (NA VOZ PASSIVA)	regência
complemento nominal	o subst. abstrato, o adjetivo ou o adv. em <i>mente</i>	regência
adjunto adverbial	o verbo, o adjetivo ou o advérbio	regência e circunstância**
adjunto adnominal	o núcleo substantivo de seu próprio termo	atribuição ou marcação e, eventualmente, também concordância ou regência
aposto	um SN	equivalência
(vocativo)	(o interlocutor: real, fictício ou retórico)	-----

\* O predicado não apresenta um mecanismo sintático em relação ao sujeito (pode até ser uma aglomeração de termos): quem marca essa relação é o verbo, nem sempre núcleo do predicado, embora seja seu elemento básico.

\*\* Por razões didáticas, aqui chamamos as relações adverbiais de “circunstanciais”.

<sup>1</sup> A flexão abonada do advérbio “meio” é registrada em muitas obras, como por exemplo no *Dicionário Aurélio Eletrônico séc. XXI* (Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000 – a 1ª edição do *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa* é de 1975), que apresenta a seguinte observação (grifos nossos): “Há muitos exemplos, no português antigo como no moderno, desse advérbio flexionado (caso de concordância por atração): a cabeça do Rubião **meia** inclinada (M. de Assis, *Quincas Borba*); casou **meia** defunta (M. de Assis, *Várias Histórias*); a mesma mulher, sempre nua ou **meia** despida (E. de Queirós, *A Cidade e as Serras*); Uns caem **meios** mortos, e outros vão / A ajuda convocando do Alcorão. (L. de Camões, *Os Lusíadas*, III, 50); “cinzeiros com cigarros **meios** fumados” (José Régio, *Histórias de Mulheres*).

### COMENTÁRIO DIDÁTICO SOBRE A INTERJEIÇÃO E O VOCATIVO

Interjeição e Vocativo não deviam fazer parte desses quadros. Seria mais interessante e produtivo estudá-los num capítulo que tratasse das funções da linguagem. A interjeição está vinculada à 1ª pessoa do discurso (função emotiva ou expressiva); o vocativo, à 2ª (função conativa).

### COMENTÁRIO DIDÁTICO E ESTILÍSTICO SOBRE O EMPREGO DO ADJETIVO E SOBRE A ADJETIVAÇÃO DO SUBSTANTIVO E A SUBSTANTIVAÇÃO DO ADJETIVO

Encontrar o adjetivo preciso e colocá-lo adequadamente junto ao substantivo que qualifica é sempre uma operação artística. Com razão dizia o poeta Vicente Huidobro: o adjetivo, quando não dá vida, mata.

(Celso Cunha)<sup>2</sup>

a) O adjetivo só pode desempenhar uma de duas funções sintáticas: predicativo ou adjunto adnominal. Todavia, pode-se justificar a associação de um adjetivo a um substantivo que não é, logicamente, o seu determinado. Tal recurso estilístico, quando empregado com expressividade, tem o nome de *hipálage*. Observemos como, no exemplo abaixo, o adjetivo *pasmados*, logicamente referido à pessoa que abriu os braços, transfere sua concordância para o substantivo *braços*, em virtude da contiguidade semântica entre os seus determinados lógico e sintático.

#### Exemplo:

– Era o amigo do chapéu de palha: abriu grandes braços *pasmados*. (Eça de Queirós)

b) As expressões formadas de substantivo + adjetivo podem ter expressiva variação estilística:

#### Exemplos:

– o gol *genial* > a *genialidade* do gol; o pedido *sutil* > a *sutileza* do pedido;

– o sol *vermelho* > o *vermelho* do sol; o cabelo *emaranhado* > o *emaranhado* do cabelo.

c) Substantivar um adjetivo (*Os pobres* serão bem vindos) ou adjetivar um substantivo (*Tenho uma vizinha jararaca*; Não gostei daquele sorriso meio *canalha* que ele deu) são processos comuns na língua portuguesa. No entanto, apesar das tradicionais definições dessas

<sup>2</sup> *Gramática do Português Contemporâneo* (Belo Horizonte: Bernardo Álvares, 1970 – 1ª ed.), p. 187. A esse respeito é oportuno consultar também os itens “Valor estilístico do adjetivo”, “Colocação do adjetivo adjunto adnominal”, “Colocação do epíteto retórico” e “Outras formas de realce do adjetivo”, em Celso Cunha e Lindley Cintra, *Nova Gramática do Português Contemporâneo* (Rio de Janeiro: Lexicon, 2007 – a 1ª edição é de 1985), p. 279-83.

duas classes<sup>3</sup>, às vezes a distinção entre elas é pouco marcada. Poderá ser preciso combinar os critérios funcional e semântico para esclarecer a questão, especialmente nos casos em que há dois vocábulos dessa natureza presentes num mesmo sintagma<sup>4</sup>. Devem ser considerados antes disso os seguintes fatos:

– o adjetivo se posiciona naturalmente depois do substantivo, sendo inusual a antecipação de adjetivos puramente descritivos: relógio **digital** / **digital** relógio (?); caneta **azul** / **azul** caneta (?).

– a eventual antecipação do adjetivo tem sempre uma causa subjetiva, acarretando alteração semântica e/ou estilística: executivo **alto** / **alto** executivo; palavras **belas** / **belas** palavras.

Embora identificar o núcleo do sintagma seja identificar o substantivo, é preciso reconhecer a possibilidade de haver mais de um entendimento, nem sempre esclarecido pelo contexto e sujeito às sutilezas da linguagem figurada.

#### Exemplos:

(1) Meu primo é apenas um **honesto técnico**.

[é tão aceitável entender *técnico* como núcleo e *honesto* como adjunto, quanto considerar que *honesto* é o núcleo e *técnico* o adjunto.]

Ou seja: o primo é um técnico que age com honestidade ou uma pessoa tecnicamente honesta?

(2) Quando ante Deus vos mostrardes, / Tereis um livro na mão: / O livro – esse **audaz guerreiro** / Que conquista o mundo inteiro / Sem nunca ter Waterloo... (Castro Alves: “O Livro e a América”)

[é tão aceitável entender *guerreiro* como núcleo e *audaz* como adjunto, quanto considerar que *audaz* é o núcleo e *guerreiro* o adjunto.]

Ou seja: o livro é um guerreiro com audácia ou um audaz que guerreia?

Observemos as frases seguintes e examinemos como o correto entendimento do enunciado e a classificação das palavras nos campos morfológico e sintático estão vinculados às relações mantidas por elas. Pode o falante não ter consciência dessas relações, mas seu saber linguístico – ainda que instintivo – lhe garantirá a exata compreensão de cada sentença. Isso só não acontecerá caso aquela determinada estrutura frasal não faça parte do elenco de estruturas dominadas (mesmo inconscientemente) pelo usuário da língua. E

<sup>3</sup> **Substantivo**: “palavra com que se nomeia um ser ou um objeto (substantivo concreto), uma ação, qualidade, estado (substantivo abstrato), considerados separados dos seres ou objetos a que pertencem.” **Adjetivo**: “palavra que modifica o substantivo, indicando qualidade, caráter, modo de ser ou estado.” (*Dicionário Aurélio*). Na *Gramática Descritiva do Português* (São Paulo: Ática, 1995 – 1ª edição), Mário Perini tenta explicar por que não aceita “a ideia corrente de que um adjetivo pode ser substantivado, ou vice-versa” (p. 323).

<sup>4</sup> Neste livro, usamos o termo “sintagma” com a mesma acepção defendida por H. Bussmann: “Sequência sintática dotada de estrutura composta por elementos linguísticos e formada por segmentação de sons, palavras, orações ou mesmo frases completas.” (*Routledge Dictionary of Language and Linguistics*. London & New York: 1996, p. 472).

este é um dos principais motivos de se estudar a Morfossintaxe: descrever as estruturas frasais simples e complexas do português para conhecê-las, entendê-las e empregá-las toda vez que a situação comunicativa assim o exigir.

A chave para a interpretação funcional da estrutura gramatical é o princípio de que, em geral, os itens linguísticos são multifuncionais e que em quase todas as instâncias um constituinte tem mais do que uma função. São palavras de MAK Halliday (*An Introduction to Functional Grammar*, 1994, p. 30 – a 1ª edição é de 1985), as quais devemos sempre lembrar.

### **FRASE 1: As boas intenções enchem, piedosas, os porões infernais.**

#### **Classes**

- (1) *As* – **artigo** (relaciona-se por marcação de gênero e número com o substantivo “intenções”);
- (2) *boas* – **adjetivo** (relaciona-se por atribuição e concordância com o substantivo “intenções”);
- (3) *intenções* – **substantivo** (núcleo do sintagma nominal “as boas intenções”);
- (4) *enchem* – **verbo** (contém as marcas de modo, tempo, número e pessoa);
- (5) *piedosas* – **adjetivo** (relaciona-se por atribuição e concordância com o substantivo “intenções”);
- (6) *os* – **artigo** (relaciona-se por marcação de gênero e número com o substantivo “porões”);
- (7) *porões* – **substantivo** (núcleo do sintagma nominal “os porões infernais”);
- (8) *infernais* – **adjetivo** (relaciona-se por atribuição e concordância com o substantivo “porões” / pode ser substituído pela locução adjetiva [prep.+subst.] “do inferno”, que acrescentaria a relação de regência).

#### **Funções**

- (1) *As boas intenções* – **sujeito** (relaciona-se com o verbo “encher”, que com ele concorda);
- (2) *As & boas* – **adjuntos adnominais** (relacionam-se por marcação e por atribuição, respectivamente, com o substantivo “intenções”, núcleo do mesmo termo);
- (3) *enchem* – **núcleo do predicado** (verbo pessoal – porque tem sujeito – e transitivo direto – porque tem objeto direto);
- (4) *piedosas* – **predicativo do sujeito**, segundo núcleo do predicado (relaciona-se por atribuição com o substantivo “intenções”, núcleo de outro termo);
- (5) *os porões infernais* – **objeto direto** (relaciona-se por regência com o verbo transitivo direto “encher”);
- (6) *os & infernais* – **adjuntos adnominais** (relacionam-se por marcação e por atribuição, respectivamente, com o substantivo “porões”, núcleo do mesmo termo).

**FRASE 2: Na infância, eu gostava com intensidade de muitas coisas simples.****Classes**

- (1) *Na infância* [prep.+subst.] – locução adverbial de tempo (relaciona-se por regência e por circunstância com o verbo “gostar” / não há um advérbio equivalente que a substitua);
- (1a) *Em* – preposição (liga o verbo “gostar” a seu complemento circunstancial, “infância”);
- (1b) *a* – artigo (relaciona-se por marcação de gênero e número com o substantivo “infância”);
- (1c) *infância* – substantivo (núcleo do sintagma nominal / adverbial “na infância”);
- (2) *eu* – pronome pessoal reto (identificador, no discurso, da “pessoa que fala”);
- (3) *gostava* – verbo (contém as marcas de modo, tempo, número e pessoa);
- (4) *com intensidade* [prep.+subst.] – locução adverbial de modo (relaciona-se por regência e circunstância com o verbo “gostar” / pode ser substituída pelo advérbio “intensamente”);
- (4a) *com* – preposição (liga o verbo “gostar” a seu complemento circunstancial, “intensidade”);
- (4b) *intensidade* – substantivo (núcleo do sintagma nominal/adverbial “com intensidade”);
- (5) *de* – preposição (liga o verbo “gostar” a seu complemento, “muitas coisas simples”);
- (6) *muitas* – pronome indefinido (relaciona-se por atribuição não qualificativa com o substantivo “coisas”);
- (7) *coisas* – substantivo (núcleo do sintagma nominal “de muitas coisas simples”);
- (8) *simples* – adjetivo (relaciona-se por atribuição com o substantivo “coisas”).

**Funções**

- (1) *Na infância* – adjunto adverbial de tempo (relaciona-se por regência e por circunstância com o verbo “gostar”);
- (2) *eu* – sujeito (relaciona-se com o verbo “gostar”, que com ele concorda);
- (3) *gostava* – núcleo do predicado (verbo pessoal – porque tem sujeito – e transitivo indireto – porque tem objeto indireto);
- (4) *com intensidade* – adjunto adverbial de modo (relaciona-se por regência e por circunstância com o verbo “gostar”);
- (5) *de muitas coisas simples* – objeto indireto (relaciona-se por regência com o verbo transitivo indireto “gostar”);
- (6) *muitas & simples* – adjuntos adnominais (relacionam-se por atribuição com o substantivo “coisas”, núcleo do mesmo termo).

**Conclusão**

Embora seja possível reconhecer a classe gramatical fundamental das palavras – independente de sua presença em frases –, o estudo da morfossintaxe só se concretiza no momento em que há a construção de um enunciado, isto é, A CONSTRUÇÃO DE UMA FRASE.<sup>5</sup>

<sup>5</sup> No livro *Ensaio de Estilística da Língua Portuguesa* (Rio de Janeiro: Padrão, 1976 – 1ª edição), de Gladstone Chaves de Melo, o capítulo “A Arrumação das Palavras” é uma ótima leitura em torno da expressividade e da estilística da frase.



## LEIA TAMBÉM

Seguem-se algumas indicações bibliográficas oportunas a respeito da morfologia portuguesa: *Estrutura da Língua Portuguesa* (Petrópolis-RJ: Vozes, 1976 – a 1ª edição é de 1970) e “Sobre a Classificação das Palavras”, in: *Dispersos* (p. 53-6), ambas de J. Mattoso Câmara Jr.; “A Palavra e suas Classes”, in: *Idioma* nº 21 (Rio de Janeiro: Centro Filológico Clóvis Monteiro-UERJ, 2001, p. 6-13 – reedição de artigo publicado em 1980 na revista *Letra* nº 1, UFRJ), de José Carlos de Azeredo; e as duas primeiras partes do meu livro *Morfologia: estudos lexicais em perspectiva sincrônica* (Rio de Janeiro: Alta Books, 2008). Outras obras recentes, mais do que apenas discutir os critérios tradicionais de classificação das palavras, têm proposto revisões e alterações na nomenclatura. Maria Helena de Moura Neves (*Gramática de Usos da Língua Portuguesa*: São Paulo: UNESP, 2000 – 1ª edição), Evanildo Bechara (*Moderna Gramática Portuguesa*: Rio de Janeiro: Lucerna, 1999 – a 1ª edição, da Cia. Ed. Nacional, é de 1961), José Carlos de Azeredo (*Fundamentos de Gramática do Português*: Rio de Janeiro: Zahar, 2000 – 1ª edição) e José Lemos Monteiro (*Morfologia Portuguesa*: Campinas: Pontes, 2002 – a 1ª edição é de 1986) entre outros, adotam uma classificação que contraria, em alguns casos, as denominações clássicas, sobretudo no estudo das conjunções e advérbios. Essas denominações não chegam a ser novidade nos estudos gramaticais, pois recuperam termos e explicações que já haviam sido empregados por estudiosos do início do século passado, como José Oiticica, Maximino Maciel e Martinz de Aguiar, para citar alguns.

## EXERCÍCIOS PRELIMINARES

1. Observando o relacionamento que as palavras destacadas mantêm com outras palavras da frase, reconheça sua CLASSE GRAMATICAL.
  - a) Todos olhavam espantados para mim. (Martins Pena)  
todos – espantados – para – mim
  - b) A irritação da dama tinha afrouxado muito. (Machado de Assis)  
irritação – da dama – tinha afrouxado – muito
  - c) O major sucumbira em poucos minutos. (Graciliano Ramos)  
major – em minutos – poucos
  - d) E o silêncio pairou de novo sobre ambos. (Gonçalves Dias)  
silêncio – de novo – sobre ambos
  - e) A sala da casinha era simples e pequena, mas muito elegante. (José de Alencar)  
sala – da casinha – simples – e – mas – elegante
2. Observando o relacionamento que as palavras destacadas mantêm com outras palavras da frase, identifique sua FUNÇÃO SINTÁTICA.
  - a) E o rei pagou bem o carinho filial com que o Rio de Janeiro o recebeu. (Lima Barreto)  
o rei – bem – o carinho filial – filial – o Rio de Janeiro – o (último)
  - b) De repente escutou-se um choro horrível de criança lá dentro. (Mário de Andrade)  
de repente – um choro horrível de criança – um – horrível – de criança – lá dentro
  - c) No cais de pedra reconstruído ancoravam embarcações de recreio. (José Lins do Rego)  
no cais de pedra reconstruído – de pedra – reconstruído – embarcações de recreio – de recreio